

nómica e política, caracterizada por valores mais 'globais', mais cosmopolitas. Por outras palavras, e parafraseando Stuart Hall, estamos perante uma nova articulação entre o 'local' e o 'global' e não numa simples substituição do 'local' pelo 'global', como havia sido desenvolvido por alguns cientistas sociais.

As repetidas manifestações patrióticas, protagonizadas por largos sectores da sociedade portuguesa merecem, de igual modo, a atenção da autora, chegando, inclusive, a compará-las com as celebrações do 25 de Abril. Ainda que impulsionadas pelos media, as celebrações, pelas vitórias alcançadas pela selecção nacional, não devem ser, segundo Salomé Marivoet, entendidas, meramente, como estados 'excepcionais de delírio colectivo', tal como foi salientado por alguns críticos académicos. A este propósito, a autora realça a pouca adesão dos ultras portugueses (mas, também, italianos, espanhóis e franceses) em torno da equipa nacional, apesar dos apelos vindos da parte da federação portuguesa de futebol. Embora a autora escolha não o fazer, poderemos, na minha leitura, avançar com uma hipótese teórica que explique esta ausência, no Euro 2004, de adeptos tão emotivos, habitualmente, no apoio às 'suas' equipas. A fragmentação regional que caracteriza países como Itália, Espanha ou França inviabiliza, de algum modo, a presença de um sentimento de união, de identidade nacional. Para além disso, é significativo salientar que a sub-cultura ultra é intimamente dirigida à exaltação da diferença e, neste sentido, os ultras não se revêem em situações onde o conjunto da sociedade se encontra simbolicamente em causa.

Na última parte do livro, são analisados os actos de violência e outros comportamentos ilícitos que marcaram o Euro2004. Ainda que a competição tenha sido caracterizada pela escassez de episódios violentos entre adeptos das diferentes selecções, a autora encara esses episódios, porém, como 'uma manifestação do fenómeno de radicalização das potencialidades dos grandes eventos desportivos na expressão de identidades diferenciais no quadro global' (p.29).

O contributo desta obra reside na compreensão do papel do desporto moderno, a partir do futebol, na re-avaliação dos símbolos e marcas nacionais, abrindo a possibilidade de re-afirmação das identidades a uma escala mundial. É bem conhecido que o fute-

bol ocupa um lugar central na cultura popular, em Portugal. No entanto, a sua dimensão sociol-cultural não tem merecido a atenção crítica que merecia, por parte da comunidade académica. Deste modo, a obra de Salomé Marivoet apresenta um grande interesse para todos aqueles que procuram compreender a imensa complexidade da equação entre sociedade, cultura popular e futebol.

Pedro Almeida

Instituto Superior Miguel Torga

Giuseppe Granieri. 2006. *Geração Blogue*. Título original: *Blog Generation*. 2005. Roma-Bari: Laterza & Figli, Tradução: Maria das Mercês Peixoto. Lisboa : Editorial Presença. 150 pp. ISBN: 972-23-3573-1

Giuseppe Granieri, um dos especialistas europeus mais importantes em cultura digital, estudou o fenómeno dos blogs e procura, neste livro, mais do que responder, equacionar questões que relacionam a blogosfera com o jornalismo, media, política e o próprio conceito de democracia. Trata-se de um interessante trabalho sobre a comunicação como um processo de dimensão social e legitimação da opinião, colocando o cidadão – agora convertido em utilizador – no centro da discussão.

O autor começa por fazer uma pequena viagem pela história da Internet. Trata-se de uma análise fecunda acerca da evolução da Web no contexto da comunicação e da vida social. Os weblogs são apresentados, assim, como um 'caso exemplar para explicar como é divulgada a tecnologia' (p.30). O registo do primeiro weblog é de 1999, mas é a partir de 2003 e a guerra do Iraque que este universo se torna conhecido do grande público. 'No entanto, os blogues não são de modo nenhum uma coisa nova, pelo menos como tecnologia e como lógica' (p.31). Ainda assim, a credibilidade da blogosfera, ou a esfera dos weblogs, junto da opinião pública não é de todo positiva. Segundo Granieri, os media têm muita influência nesta situação. Não obstante, a verdade é que, desde 2003, o número de weblogs tem crescido de forma imensurável. Por outro lado, os principais órgãos de comunicação ocidentais têm vindo a contratar bloggers como seus colunistas,

criando, por outro lado, weblogs associados às suas empresas. Também o campo político compreendeu a importância deste universo e tem utilizado estes recursos como verdadeiros espaços de campanha. Tome-se, a título de exemplo, o facto de o serviço de imprensa da Casa Branca ter acreditado bloggers.

Em síntese, o formato weblog e a facilidade do seu uso revolucionou a Web conforme a conhecíamos, permitindo a passagem da Web 1.0 para a Web 2.0. Ou seja, de uma rede centrada nos sites institucionais e comerciais, para uma nova geração de aplicações e serviços, baseada no utilizador. Na realidade, os blogs exponenciaram o processo de comunicação na rede centrado no utilizador e, nesta dinâmica, assumem-se como uma ferramenta social que impulsiona uma democracia ideológica e tecnologicamente sem fronteiras de tempo e espaço.

A mudança de paradigma era, portanto, inevitável. Com as alavancas tecnológicas e ideológicas e a progressiva informatização da sociedade, os processos de comunicação começam a modificar-se. Ou seja, passamos do processo vertical e unilateral, que caracterizava os mass media, para a horizontalidade e bilateralidade dos novos media. O que está em jogo, porém, é que as mudanças não são meramente técnicas. A comunicação, na verdade, deixou de ser um exclusivo de jornalistas e outros especialistas da comunicação. Se os novos media nascem dos meios de comunicação de massas, os self media são, agora, uma extensão dos primeiros e caracterizam-se por globalizar o processo de comunicação. O receptor é simultaneamente emissor. Da mesma forma, ganham nova vida as duas ideias seminais de Marshall McLuhan, 'o meio é a mensagem' e 'aldeia global'. No quadro actual, estão ao alcance do cidadão comum processos absolutamente distintos das interacções anteriormente passíveis de realizar com os mass media. Nesta era das novas tecnologias, surgem processos de personalização e individualização que permitem ao utilizador ser, simultaneamente, receptor e emissor, configurar a mensagem e direccionar a comunicação, conforme pretender. Segundo Granieri, caracterizando estas transformações, 'os blogues instauraram um modelo de comunicação dialógica que já atinge transversalmente todos os outros instrumentos (desde as *mailing lists* aos fóruns, passando pelos sítios tradicionais)' (p. 36).

Para apresentar o novo modelo de comunicação e sociabilidade, indissociável, para Granieri, do próprio conceito de democracia, o autor apresenta uma interessante e iluminante descrição da blogosfera: 'a fórmula do 'link à fonte' + 'anotação', aliada à possibilidade de comentar directamente nos blogues, deu início ao 'diálogo' de maneira sistemática e transversal a toda a Rede. O esquema é simples: o bloguista A individualiza um recurso na Web ou publica uma opinião sob a forma de breve comentário, artigo ou mesmo ensaio. O bloguista B lê e tem qualquer coisa a acrescentar, logo comenta o *post* original ou escreve um no seu blogue, fazendo o *link* para o bloguista A. O bloguista C faz o mesmo, e por aí adiante. Não é raro encontrar o caso do bloguista R que reconstrói toda a discussão fazendo *links* para todos os contributos desde o A ao Q e acrescentando-lhes o seu. Este mecanismo não escrito nem codificado, nascido de maneira espontânea, afirmou-se como modelo e é sistematicamente repetido por cada novo indivíduo que 'entra no círculo' com um blogue.' (pp. 39- 40).

Transcendendo a tradicional definição de 'rede de opinião pública', Granieri desenvolve uma teoria actual e interessante sobre o conceito de blogosfera. De acordo com o autor, a leitura deste universo tem de ser feita com base numa palavra-chave: o social. A partir daqui, estabelece uma analogia com o sistema central nervoso do ser humano para equacionar a blogosfera como 'uma sala cheia de gente' (p.65), com capacidade para 'influenciar quem influencia' (2005: 69), estabelecendo-se uma 'forte inter-relação entre 'mediasfera' e 'blogosfera' ' (idem).

Por outro lado, blogging não é jornalismo, como bem defende o autor. No entanto, essa nunca foi a questão. Talvez tenha sido o pretexto para os media adiarem a sua entrada a sério na Web. Mediasfera e blogosfera não podem ser sistemas a viver em/por oposição, mas áreas complementares, que, segundo Granieri, fazem parte do 'ecossistema dos media' (p.98). Neste sentido, as interrelações deste ecossistema electrónico traduzem uma sociedade digital que melhor utiliza as ferramentas democráticas da Web. Assim, nasce a 'democracia 3.0' (p. 113), com a incorporação dos políticos e o aumento exponencial da 'geração Google' – os utilizadores que baseam a sua interacção na rede nas aplicações e/u serviços do

Google. Desta forma, alteraram-se e alargaram-se 'os modos e os tempos do debate político' (p.118). É a ideia da Web 2.0 alargada ao conceito de democracia móvel (e, portanto, mais participativa). Utilizando as ferramentas digitais do momento, posso estar 'lá' às 'horas' certas. Independentemente de o 'lá' ser o mundo virtual, Second Life ou uma manifestação onde estou fisicamente e de onde emito através do telemóvel. Posso aceder a qualquer informação pública – *just google it*. Ou posso simplesmente navegar na Web, por onde e como quiser. De facto, 'unindo a capacidade cognitiva de milhões de pessoas a um poderosíssimo instrumento de ligação, [a Internet] realizou um modelo que cruza a liberdade do debate típico do espírito ateniense com a valorização individual da *auctoritas* latina' (p. 121).

E que Web para o futuro? Granieri cita, acerca deste ponto Bruce Sterling: 'em vez de ter a Internet que os técnicos inventaram, estamos a encontra-nos com a Internet que merecemos'. Diversas variáveis precisam ser equacionadas no desenvolvimento da Web, desde o *digital divide*, à possível apropriação económica, passando pela sua politização. Por outro lado, 'a Internet ensina que as tecnologias mudam, evoluem e tomam a forma que milhões de pessoas lhes dão. [...] Hoje, para uma enorme quantidade de indivíduos, este *way of life* é considerado, mais do que um direito, uma condição adquirida, a que dificilmente se conseguirá renunciar' (p.128). A virtualização, disseminação e globalização são os processos, pelos quais a comunicação tende a multiplicar-se numa nova forma electrónica da metáfora da presença.

Inês Amaral

Instituto Superior Miguel Torga

Marcos Román. 2006. *Ética Para Jóvenes: De Persona a Ciudadano*. Bilbao: Desclée de Brouwer. 208 pp. ISBN 84-330-2044-7.

Marcos Román nasceu em Zaragoza em 1959, é licenciado em filosofia e ciências da educação pela Universidade de Salamanca, Mestre em filosofia e professor do 2º ciclo na disciplina de filosofia. Román tem, também, uma larga experiência docente em diversas insti-

tuições de Ensino Superior de Espanha. Este livro resulta de uma selecção de e-mails trocados entre o autor e o seu filho (um estudante adolescente). Deste intercâmbio electrónico, ressalta a sua preocupação em explicitar, de forma reflexiva, os princípios e as regras morais que foram guiando o comportamento das relações humanas, ao longo dos tempos.

Não sendo original na ideia, uma vez que o ensaio do filósofo Fernando Savater *Ética para um Jovem* (1993) resultou do mesmo argumento, um diálogo entre um pai professor de filosofia e o filho adolescente, como forma de lhe explicar o que é a ética e a moral e qual a sua importância na sociedade e nas relações humanas, Marcos Román reforça, no entanto, a importância da reflexão consciente e crítica na educação dos jovens e se quisermos, nas diversas etapas do desenvolvimento humano. Trata-se de um livro que chama a atenção para um conjunto de conceitos filosóficos, cuja apreciação e desenvolvimento histórico permite reflectir sobre o significado da vida dos seres humanos. Aludindo a vários filósofos gregos, especialmente Aristóteles e Sócrates, o autor expressa a importância dos outros na vida humana, colocando a felicidade como referencial expressivo da dimensão ética 'A felicidade não é um estado, mas uma actividade. A felicidade consiste em estarmos a fazer alguma coisa que preencha a vida, que verdadeiramente a preencha' (p.81). A ética permite, desta forma, criar a excelência nas relações humanas, pela permanente busca da virtude, amizade e felicidade, chamando a atenção para a liberdade.

A divisão do livro em nove capítulos facilita a leitura e a organização das questões em análise, que são respectivamente: a liberdade, normas e valores, a felicidade e o prazer, a felicidade e a plenitude, o dever, a autonomia, a justificação da autoridade, a cidadania democrática e os direitos humanos. Os subtítulos encontram, na comparação conceptual irónica, a forma de expressão das ideias. Veja-se, por exemplo algumas dessas expressões. 'Drácula enamorado ou O problema filosófico da liberdade' (p.19). 'Esperar num semáforo ou Proibições que libertam' (p.53). 'Tabaco traidor ou O hedonismo de Epicuro' (p.72). 'A euforia de uma bebedeira ou A felicidade real' (p.91). 'O preço dos produtos ou O valor do ser humano' (p.114). 'O que me apetece ou Os desejos pensados' (p.121). 'O